

A indisciplina numa escola portuguesa:  
olhares da comunidade educativa  
*The indiscipline in a portuguese school:  
the viewpoint of the educational community*

Carlos Alberto GOMES  
Guilherme Rego da SILVA  
Daniela Vilaverde e SILVA<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo apresenta e analisa resultados de investigação sobre o tema da indisciplina escolar obtidos no âmbito do projecto de investigação “Civismo, Indisciplina e Cidadania”, desenvolvido entre 2006 e 2008, no quadro de uma parceria entre o Gabinete de Políticas Educativas e Acção Organizacional do Departamento de Sociologia da Educação e Administração Educacional da Universidade do Minho e a Escola Básica Egas Moniz, de Guimarães, no norte de Portugal. Os resultados foram obtidos através da aplicação de um inquérito por questionário a professores, a alunos e a representantes de pais/encarregados de educação da referida escola.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação. Escola. Sala de aula. Indisciplina.

## **INTRODUÇÃO**

O presente artigo resulta de um projecto de investigação intitulado “Cidadania, Civismo e (In)Disciplina”, desenvolvido entre 2006 e 2008, no âmbito de uma parceria entre o Gabinete de Políticas Educativas e Acção Organizacional do Departamento de Sociologia da Educação e Administração Educacional (actualmente designado de Ciências Sociais da Educação) da Universidade do Minho e a escola básica Egas Moniz, em Guimarães, no norte de Portugal. Nele, é apresentado e analisado um conjunto de resultados que expressam as opiniões e posições de professores, de alunos e de representantes de pais/encarregados de educação da escola, relativamente à questão da indisciplina na escola e na sala de aula.

O inquérito por questionário a vários elementos da comunidade educativa – professores, alunos, funcionários e representantes dos pais/encarregados de educação foi realizado em maio de 2008. Recorreu-se ao programa estatístico

---

<sup>1</sup> Docentes do Departamento de Ciências Sociais da Educação, Instituto de Educação, Universidade do Minho, Braga, Portugal.

SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*), para a obtenção e apresentação dos resultados de investigação.

Na primeira parte do artigo, organizamos uma breve teorização sobre o tema da disciplina; na segunda parte, apresentamos e analisamos os resultados obtidos.

## **1. DISCIPLINA ESCOLAR - BREVE TEORIZAÇÃO SOCIOLÓGICA**

Numa definição clássica, proposta por Max Weber (2001, p. 81-82), “disciplina chamar-se-á a probabilidade de, numa multidão dada de homens, encontrar uma obediência pronta, automática e esquemática a uma ordem, em virtude de uma atitude adestrada. [...] O conceito de ‘disciplina’ engloba o ‘treino’ da obediência acrítica e sem resistência das massas”. A transposição dessa formulação do conceito de disciplina para a escola dos tempos actuais, que funciona num registo aberto e democrático e em ambiente cultural “pós-moderno” – caracterizado, entre muitos outros aspectos, pela substituição do saber narrativo por uma pluralidade de jogos de linguagem e pela ruptura com a tradição (FEATHERSTONE, 1990) – com uma relação interpessoal e pedagógica não assente num modelo de tipo hierárquico e autocrático, uma escola na qual, do ponto de vista político e institucional, se estabelecem deveres, mas também se reconhecem direitos aos alunos (PORTUGAL, 2008; LOBO, 1997; GOMES, 1997), obriga, claramente, a repensar o conceito de disciplina e, em consequência, também um outro conjunto de conceitos associados relevantes para a estruturação das relações sociais e institucionais e interpessoais na escola – poder, dominação, autoridade, legitimidade (GOMES, 2009a, 2009b).

É preciso, pois, reconhecer que as definições autoritárias e rigidamente hierárquicas de disciplina, hoje claramente deslegitimadas pela conjugação de valores democráticos (p. ex., liberdade de expressão, pluralismo ideológico, respeito pela diferença) e pós-modernos (p. ex., individualismo narcisista, hedonismo, primado do princípio do prazer, hiper-consumismo, rejeição de abordagens educativas e pedagógicas coercivas) são potencialmente geradoras de altos níveis de tensão e resistência, nas relações pedagógicas e educativas (GOMES, 1991, 2009a), e não se adaptam ou não são mesmo adaptáveis aos “novos tempos democráticos” (LIPOVETSKY, 1988, 1994, 2007), e que conceitos como o de “autoridade democrática” (CARDOSO, 1986), ao proporem a reformulação do conceito de autoridade, no sentido de lhe retirar o carácter impositivo e de o fundamentar numa lógica e numa prática de persuasão – podem e devem ser equacionados, de forma a consolidar a ideia de que democracia e liberdade – quer na sociedade global, quer no contexto particular da escola da sala de aula – implicam, necessariamente, o respeito por determinados valores essenciais e pelas regras que são criadas para os proteger e credibilizar (BERLIN, 1998).

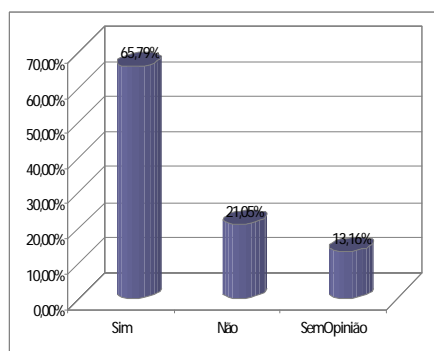
Mas o que mais importa aqui sublinhar é o facto de a promoção da disciplina, numa versão democrática, logo não autoritária – uma “disciplina democrática” (ESTÊVÃO, 2008), portanto –, pressupor um trabalho intencional e

estratégico da escola, ou seja, uma pedagogia específica que promova, em todos os sectores integrantes da comunidade educativa, a explicitação, a fundamentação e a aplicação de regras consensualizadas e democraticamente construídas, e a criação de condições que permitam superar o forte impacto negativo da indisciplina no processo ensino/aprendizagem, reconhecendo e assumindo, sem ambiguidades, que não é possível ensinar e obter bons resultados sem que, entre outras condições, os alunos sejam, de modo firme e consistente, levados a respeitar um conjunto articulado e coerente de regras construídas precisamente na lógica proposta pelo conceito de “disciplina democrática”

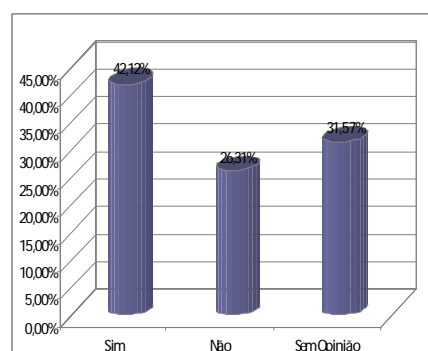
## 2. RESULTADOS DE INVESTIGAÇÃO – PERCEPÇÕES E ATITUDES FACE À INDISCIPLINA NA ESCOLA PESQUISADA

### A INDISCIPLINA COMO PROBLEMA PARA A ESCOLA

Para obtermos informação sobre o posicionamento da comunidade educativa da escola pesquisada acerca da indisciplina recolhemos, através de inquérito/questionário, as opiniões dos docentes, dos alunos (neste caso, sobretudo dos alunos do 2º e 3º ciclos do ensino básico) e dos representantes dos pais e encarregados de educação. Numa primeira parte, procurámos saber se a indisciplina representa um grande problema para a escola. Nesse sentido, inquirimos os docentes e os representantes dos pais e encarregados de educação. Os resultados obtidos, como podemos observar no Gráfico 1, revelam que a maioria dos docentes (66%) considera a indisciplina como um grande problema. Apenas 21% entende que não, enquanto 13% não têm opinião formada sobre o assunto. O ponto de vista dos representantes dos pais e dos encarregados de educação vai ao encontro das opiniões dos professores, quando 42% concordam que a indisciplina é um grande problema para a escola, como mostra o Gráfico 2. Contudo, é de registar que há uma percentagem significativa de representantes dos pais e dos encarregados de educação que não têm opinião formada sobre o assunto (32%). Apenas 26% não concordam que a indisciplina seja um grande problema.



**Gráfico 1** - A Indisciplina – Professores



**Gráfico 2** - A Indisciplina – Pais

### A ATRIBUIÇÃO CAUSAL DA INDISCIPLINA

Os Quadros 1 e 2 evidenciam resultados relativos à atribuição causal da indisciplina tendo em conta o ponto de vista dos professores. O Quadro 1 cruza a variável género; o Quadro 2 apresenta os resultados diferenciados pela variável idade. Numa primeira análise, podemos observar que a totalidade dos professores apresenta como principais obstáculos à disciplina dois factores essenciais: factores relacionados com dimensões e decisões na área política e institucional, presentes no item *turmas grandes*, e factores relacionados com os alunos, presentes nas *dificuldades de aprendizagem*. De forma semelhante, e também importante, são os elevadíssimos resultados sobre a *desmotivação* e a *origem social e cultural* dos alunos, os quais se encontram associados a factores socioculturais. Todavia, e tendo em conta a variável género, os professores manifestaram-se mais divididos no item *rejeição da escola*. As professoras respondem significativamente (92,3 %) a esse factor sociocultural, ao passo que os professores parecem mais comedidos (66%), ainda que não se encontrem respostas negativas, preferindo não se pronunciar sobre a questão.

Questionados sobre a sua própria experiência lectiva (numa análise introspectiva) e sobre as actividades dos seus pares na escola, os professores mostram-se mais ponderados, quando colocados no papel de responsáveis e geradores da indisciplina. Assim, questões como a relativa aos *tipos de pedagogia* utilizados revelam-se de modo indeciso, nas professoras, enquanto os professores rejeitam majoritariamente essa categorização (66,7%). Esses resultados tornam-se mais pertinentes, quando os cruzamos com os diferentes grupos etários dos docentes. Assim, são sobretudo os docentes com mais de 50 anos a considerar que os tipos de pedagogia podem ser causa de indisciplina (75%); os mais novos revelam uma visão diametralmente oposta (20%). Do mesmo modo, a *falta de autoridade* dos docentes é um aspecto assinalado pelos professores (80%), mas menos apontado pelas professoras, que nesse item se dividem (56,3%). A *falta de experiência* dos docentes representa outra variável que divide os profissionais inquiridos: enquanto, para os professores, essa categoria não é interpretada como geradora de indisciplina (100%), já metade das professoras a considera como tal (50%).

Verifica-se um certo consenso entre os professores sobre a *inexistência de regras uniformes*, sendo que 75% das professoras entende essa variável como causa de indisciplina, e 60% dos professores também. A existência de *culturas de oposição à escola* revela igualmente certo acordo (62,5% nas professoras e 60% nos professores). No entanto, no que diz respeito a justificações de âmbito mais naturalista, apenas metade dos docentes considera a variável idade como factor de indisciplina.

Quadro 1 - Causas da Indisciplina na Escola (Género)

	Género					
	Feminino			Masculino		
	Sim	Não	SO	Sim	Não	SO
Origem sociocultural	85,0%	0%	15,0%	83,3%	16,7%	0%
Desmotivação	91,3%	8,7%	0%	100%	0%	0%
Culturas de oposição à escola	62,5%	25%	12,5%	60%	20%	20%
Rejeição da escola	92,3%	7,7%	0%	66,7%	0%	33,3%
Tipos de pedagogia	46,2%	46,2%	7,7%	33,3%	66,7%	0%
Falta de autoridade dos professores	56,3%	37,5%	6,3%	80%	20%	0%
Falta de experiência dos professores	50%	42,9%	7,1%	0%	100%	0%
Inexistência de regras uniformes	75%	25,0%	0%	60%	20%	20%
Idade dos alunos	50%	35,7%	14,3%	50%	0%	50%
Turmas grandes	100%	0%	0%	100%	0%	0%
Dificuldades de aprendizagem	100%	0%	0%	100%	0%	0%

Se considerarmos a faixa etária dos docentes, podemos observar, no Quadro 2, que nos encontramos perante o que poderíamos designar como uma descontinuidade intergeracional, sendo os professores com mais de 50 anos os que consideram majoritariamente como móbil da indisciplina a *falta de experiência* (80%), a *falta de autoridade* (80%) e o *tipo de pedagogia* usada na sala de aula (75%), ao contrário dos docentes com idades inferiores a 35 anos e no intervalo compreendido entre os 36 e 50 anos. A *idade dos alunos* representa outra variável que separa os diferentes grupos etários, sendo que as percentagens se elevam (25%, 43%, 75% respectivamente), acompanhando a progressão em termos etários.

Os factores sociais, como a *origem sociocultural* dos alunos, a *desmotivação* e a *rejeição da escola* são também variáveis importantes, principalmente para os docentes com mais de 50 anos. A existência de *culturas de oposição à escola* é tida, sobretudo pelos docentes entre 36 e 50 anos, ao passo que os docentes com idades até 35 anos não consideram essa variável. A *inexistência de regras uniformes* representa uma causa de indisciplina para 75% dos docentes com mais de 36 anos, e 66,7%, para os docentes com mais de 50 anos. Os docentes mais novos encontram-se divididos em face dessa variável.

Todavia, encontramos ainda, de forma unânime pelos três grupos, variáveis consensuais, como o elevado número de alunos por turma e as *dificuldades de aprendizagem* dos alunos.

Quadro 2 - Causas da indisciplina na escola (Grupo Etário)

	Grupos etários								
	Até aos 35 anos			36 a 50 anos			51 ou mais anos		
	Sim	Não	SO	Sim	Não	SO	Sim	Não	SO
Origem sociocultural	75,0%	12,5%	12,5%	70,0%	10,0%	20,0%	100%	0%	0%
Desmotivação	80,0%	20,0%	0%	83,3%	8,3%	8,3%	100%	0%	0%
Culturas de oposição à escola	0%	50,0%	50,0%	81,8%	9,1%	9,1%	71,4%	28,6%	0%
Rejeição da escola	77,8%	11,1%	11,1%	90,9%	9,1%	0%	100%	0%	0%
Tipos de pedagogia	20,0%	80,0%	0%	28,6%	57,1%	14,3%	75,0%	25,0%	0%
Falta de autoridade dos professores	40,0%	60,0%	0%	60,0%	30,0%	10,0%	80,0%	20,0%	0%
Falta de experiência dos professores	20,0%	80,0%	0%	28,6%	57,1%	14,3%	80,0%	20,0%	0%
Inexistência de regras uniformes	50,0%	33,3%	16,7%	75,0%	25,0%	0%	66,7%	33,3%	0%
Idade dos alunos	25,0%	25,0%	50,0%	42,9%	42,9%	14,3%	75,0%	25,0%	0%
Turmas grandes	100%	0%	0%	100%	0%	0%	100%	0%	0%
Dificuldades de aprendizagem	100%	0%	0%	100%	0%	0%	100%	0%	0%

### PERCEPÇÃO DA INDISCIPLINA

A classificação de um comportamento como sendo ou não de indisciplina evidencia claramente a presença na escola de concepções potencialmente antagónicas e conflituais. Nesse sentido, procuramos identificar que comportamentos são tomados como indisciplina, tanto nas representações dos docentes, como nas dos alunos do 2º e 3º ciclos, comportamentos estes situados quer dentro, quer fora da sala de aula.

De uma panóplia de comportamentos previamente seleccionados, inquirimos os professores e os alunos do 2º e 3º ciclos, no sentido de indicarem se determinado comportamento era ou não visto como um acto de indisciplina. O Quadro 3 exhibe os resultados obtidos, com respeito a comportamentos protagonizados fora da sala de aula.

Quadro 3 – Comportamentos fora da sala de aula

Comportamentos	Professores			Alunos		
	Sim	Não	S O	Sim	Não	S O
Agredir, chantagear e ameaçar os(as) colegas	97,4%	2,6%	0%	71,9%	21,7%	6,3%
Entrar na escola aos empurrões	97,1%	0%	2,9%	60,6%	26,7%	12,7%
Fumar dentro da escola	91,9%	5,4%	2,7%	68,8%	21,7%	9,5%
Estragar os materiais das aulas	91,9%	5,4%	2,7%	70,9%	24,1%	5,0%
Sair da escola pelo gradeamento	91,7%	5,6%	2,8%	56,6%	28,5%	14,9%

Numa primeira análise, a maior parte dos docentes classifica esses comportamentos como actos de indisciplina. Pelo contrário, os alunos inquiridos apresentam respostas mais ambíguas e difusas. Regista-se uma significativa divergência entre os professores e os alunos, na percepção e definição do que é um comportamento de indisciplina, nomeadamente por os alunos tenderem a não assumir como indisciplina comportamentos como tal classificados de forma quase unânime pelos professores. Por exemplo, *sair da escola pelo gradeamento* é classificado como indisciplina por pouco mais de metade dos alunos (56.6%), o mesmo acontecendo quando somente 60% dos alunos inquiridos classificam como indisciplina o comportamento de *entrar na escola aos empurrões*.

Quando nos situamos no universo da sala de aula, as opiniões de professores e alunos acerca da indisciplina são na sua maior parte concordantes, conforme podemos observar no Quadro 4. No entanto, há comportamentos em relação aos quais não se verifica essa partilha de opinião, nomeadamente, o  *mascar pastilha elástica* e o  *uso do telemóvel*. Todavia, encontramos também comportamentos com uma percentagem baixa, tanto do ponto de vista dos docentes (23%), como dos alunos (32%), designadamente, no  *uso do corrector*. *Chegar muitas vezes atrasado/a* constitui um comportamento que a maioria dos alunos não considera indisciplina.

Quadro 4 - Comportamentos de indisciplina na sala de aula

Comportamentos	Professores			Alunos		
	Sim	Não	S O	Sim	Não	S O
Não obedecer à primeira ordem do professor	83,3%	16,7%	0%	72,6%	16,1%	11,2%
Falar sem pedir autorização	67,7%	22,6%	9,7%	62,2%	27,9%	9,9%
Mascar pastilha elástica	72,7%	18,2%	9,1%	52,0%	35,0%	13,0%
Usar corrector	23,3%	63,3%	13,3%	32,0%	57,7%	10,4%
Usar boné	64,5%	16,1%	19,4%	56,1%	34,5%	9,4%
Usar telemóveis	97,2%	2,8%	0%	64,1%	23,8%	12,1%
Tratar mal um(a) colega	100,0%	0%	0%	74,1%	20,1%	5,8%
Dizer palavrões	100,0%	0%	0%	73,5%	18,4%	8,1%
Faltar muito às aulas	50,0%	31,2%	18,8%	51,3%	25,4%	23,2%
Chegar muitas vezes atrasado(a)	67,6%	23,5%	8,8%	43,8%	30,4%	25,9%

#### MEDIDAS DE COMBATE À INDISCIPLINA

A indisciplina constitui um factor perturbador, quer da relação pedagógica, quer da relação entre os alunos e outros actores educativos, afectando também negativamente a aprendizagem e os resultados escolares de muitos estudantes.

Par fazer face a esse fenómeno, os professores elegeram como prioritárias as seguintes medidas, expressas no Quadro 5: o reforço da Educação Cívica, o apelo a uma maior colaboração dos pais, a promoção de debates sobre valores e atitudes, a responsabilização conjunta dos professores e dos alunos e a participação dos alunos na definição de regras na sala de aula.

Com excepção da realização de cerimónias formais de integração e partilha, medida que apenas conquistou a adesão de 50% dos professores, as restantes medidas demonstraram percentagens elevadas, seja acima dos 90%, seja dos 80%.

Nas opções acima dos 80%, os docentes defendem o estabelecimento de contratos pedagógicos com os alunos e uma acção educativa humanista.

No caso das medidas acima dos 90%, os professores consideram que seria necessária uma acção educativa com maior recurso a sanções disciplinares, um maior controlo e vigilância, clarificação e endurecimento de regras, sugerindo, inclusive, uma penalização dos alunos na avaliação sumativa. Esta forma de combate à indisciplina pode estar também imbricada no poder de avaliar dos docentes.



Contudo, esses resultados igualmente nos suscitam algumas questões, tais como: a punição será uma função da avaliação? Esta “nova” função não desvirtua os sentidos e as funções da avaliação?

Quadro 5 – Medidas de combate à indisciplina

Medidas Disciplinares	Sim	Não	Sem opinião
Reforço da Educação Cívica	100%	0%	0%
Apelo a uma maior colaboração dos pais	100%	0%	0%
Promoção do debate sobre valores e atitudes	100%	0%	0%
Responsabilização dos docentes e dos alunos	100%	0%	0%
Participação dos alunos na definição de regras na sala de aula	100%	0%	0%
Agravamento das sanções disciplinares	95,7%	0%	4,3%
Mais controlo e vigilância	94,1%	5,9%	0%
Penalização na avaliação sumativa	91,7%	8,3%	0%
Clarificação das regras	91,7%	8,3%	0%
Endurecimento das regras	90,5%	9,5%	0%
Estabelecimento de contratos pedagógicos com os alunos	85,7%	0%	14,3%
Acção educativa humanista	83,3%	0%	16,7%
Realização de cerimónias formais de integração e partilha	50%	33,3%	16,7%

Finalmente, inquirimos os representantes dos pais e encarregados de educação sobre medidas de combate à indisciplina. O Gráfico 3 mostra que os inquiridos valorizaram sobretudo a efectiva aplicação do regulamento interno, em articulação com a aplicação de medidas pedagógicas (83,3%).

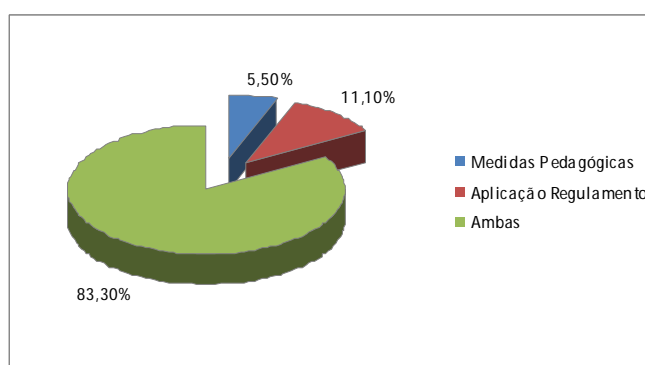


Gráfico 3 - Medidas de combate à indisciplina

## CONCLUSÕES

A finalizar o artigo, vale a pena destacar que, na escola pesquisada:

A indisciplina é vista como um grande problema, pela maioria dos professores e pelos representantes dos pais e encarregados de educação, problema este que parece resistir a todas as tentativas de solução. Não que isso seja uma surpresa, para quem estuda o fenómeno, nem sequer o será para os professores e para alguns outros intervenientes mais esclarecidos. O fenómeno é tão característico da dinâmica da instituição escolar, que é, talvez, melhor considerar que faz parte dessa mesma dinâmica...

Existe uma certa sintonia na definição dos problemas e das suas soluções, entre todos os actores envolvidos na comunidade educativa. No entanto, essa sintonia é mais evidente no que diz respeito ao comportamento na sala de aula (mesmo aqui, com pequenas diferenças, como o caso do uso do telemóvel, que é mais aceite pelos alunos do que pelos professores), porque, no que diz respeito ao comportamento fora da sala de aula, os alunos parecem mostrar menor adesão às regras de conduta que lhes são propostas, talvez a exigir uma maior margem de autonomia, ou a evidenciar a concepção de que as regras escolares não devem ir para além da relação pedagógica, com conexão com o facto de não verem os tempos e os espaços fora da sala de aula como integrantes dessa relação. Tais concepções podem surgir como consequência da velha cultura escolar em Portugal, onde a acção e a responsabilidade pedagógica do professor, e da própria escola, têm alguma dificuldade em ser assumidas e reconhecidas, no espaço escolar exterior à sala de aula.

Para conter a indisciplina, os professores tendem a dar o seu apoio a todas as medidas que lhes são sugeridas no inquérito, incluindo mesmo uma acção educativa com maior recurso a sanções disciplinares e ainda o reforço das mesmas. Também dão apoio à sugestão de que a avaliação considere os resultados do domínio educacional, no seu conjunto, em vez de serem apenas levados em conta os resultados do domínio cognitivo. Isto, traduzido em consequências práticas, significaria que os professores poderiam, de forma legítima, penalizar os alunos na avaliação, de acordo com o seu perfil de comportamento, reforçando, desse modo, o poder do professor, através de uma ampliação do seu poder de avaliar.

A grande maioria dos professores não apoia a ideia da realização de cerimónias de envolvimento (cerimónias formais de integração e partilha). Esse posicionamento dos docentes mereceria uma análise mais profunda, mas aqui somente podemos especular sobre as suas razões: por que não se acredita que a cultura possa mudar os comportamentos? Por que se pensa que a cultura escolar não pode contrariar a cultura geral da sociedade (em boa parte vista como a origem da indisciplina escolar), não fazendo sentido qualquer esforço de contrassocialização? Por que os professores temem ser envolvidos em exercícios culturais desgastantes, nos quais não acreditam? Por que os rituais de envolvimento escolar sofreram um desgaste histórico, de sorte que hoje estão mal cotados, ideologicamente?

GOMES, Carlos Alberto ; SILVA, Guilherme Rego da; SILVA, Daniela Vilaverde e. Indiscipline in a portuguese school: the viewpoint of the educational community. *Educação em Revista*, Marília, v. 11, n.1, p. 93-104, Jan.-Jun. 2010.

**ABSTRACT:** This article presents and analyses results of investigation about school discipline, obtained in the Project entitled "Civic Pride, Indiscipline and Citizenship", carried out over 2006/2008, within the scope of a partnership between the office of Educational Policies and Organizational Action of the Department of Sociology of Education and Educational Administration of the University of Minho, and the basic school Egas Moniz, in Guimarães, in the north of Portugal. The results was obtained by means of an investigation through the use of a questionnaire completed by teachers, students, and representatives of parents/educational guardians of the aforementioned school.

**KEYWORDS:** Education. School. Classroom. Indiscipline.

#### REFERÊNCIAS

BERLIN, Isaiah. Dois conceitos de liberdade. In: Henry Hardy & Rogar Hausheer (ed.), **A Busca do Ideal**. Uma Antologia de Ensaios. Lisboa: Editorial Bizâncio, 1998, p. 243-295.

CARDOSO, Miguel Esteves. O conceito de "autoridade democrática" em Sociologia política. **Análise Social**, Portugal, v. 22, n. 91, p. 234-235, 1986.

ESTÊVÃO, Carlos Vilar. Educação, conflito e convivência democrática. **Ensaio, Avaliação de Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 61, p. 503-514, out./dez. 2008.

FEATHERSTONE, Mike. Moderno e pós-moderno: definições e interpretações sociológicas. **Sociologia, Problemas e Práticas**, Lisboa, n. 8, p. 93-105, set. 1990.

GOMES, Carlos Alberto. As estratégias dos professores na sala de aula: acção profissional ou sobrevivência? In: AFONSO, Almerindo (Coord.). Dossier sociologia da educação em Portugal. **O Professor**, Alfragide, Portugal, n. 22, p. 45-50, Dezembro, 1991.

\_\_\_\_\_. A escola segundo os alunos. **Educação, Sociedade & Culturas**, Porto, n. 7, p. 177-186, Maio, 1997.

\_\_\_\_\_. Poder, autoridade e liderança institucional na escola e na sala de aula: perspectivas sociológicas clássicas. **Ensaio, Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 63, p. 189-388, abr./jun. 2009a.

\_\_\_\_\_. **Guerra e paz na sala de aula**. Cascais/Portugal, Rui Costa Pinto Edições, 2009b. ISBN 1a. ed. 978-989-8325-00-6; ISBN 2a. ed. 978-989-95965-6-6.

LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio**: ensaio sobre o individualismo contemporâneo. Lisboa: Relógio D' Água, 1988.

\_\_\_\_\_. **O crepúsculo do dever, a ética indolor dos novos tempos democráticos**. Lisboa: Dom Quixote, 1994.

\_\_\_\_\_. **A Felicidade paradoxal**: ensaio sobre a sociedade do hiperconsumo. Lisboa: Edições 70, 2007.

GOMES, C.A.; SILVA, G.R.; SILVA, D.V.

LOBO, Aldina Silveira (Org.). Se os alunos mandassem. **Educação, Sociedade & Culturas**, Porto, n. 7, p. 157-176, Maio, 1997.

PORTUGAL. Ministério da Educação. Lei nº 3/2008, de 18 de Janeiro. Primeira alteração à Lei nº 30/2002, de 20 de dezembro, que aprova o Estatuto do aluno dos ensinos básicos secundários. **Diário da República**, Lisboa, 1ª série, n. 13, 18 jan. 2008. Disponível em: <[http://min-edu.pt/np3content/?newsId=1570&fileName=lei\\_3\\_2008.pdf](http://min-edu.pt/np3content/?newsId=1570&fileName=lei_3_2008.pdf)>. Acesso em: 15 julho de 2010.

WEBER, Max. *Conceitos sociológicos fundamentais*. Lisboa: Edições 70, 2001. (Capítulo da obra *Economia e Sociedade*, publicada em 1922).

### **Legislação e Normativos**

PORTUGAL, Ministério da Educação, Lei nº 3/2008, de 18 de Janeiro. Estatuto do Aluno, 2008. <http://www.min-edu.pt/np3/133>.